

Editorial

Os oito artigos que compõem o número 26 da revista *Textura ULBRA* (2012 – 2) abordam múltiplos aspectos da construção cultural do corpo na contemporaneidade, inspirados pelos Estudos de Gênero e pelos Estudos Culturais. O interessante artigo de Maria Badet Souza, da Universidad Autónoma de Barcelona, intitulado “Mass media, género y construcción de imaginarios sociales: un análisis de la representación mediática de Brasil en España”, analisa 84 notícias veiculadas nos meios de comunicação espanhóis (entre 2008 e 2010) sobre o Brasil. Os corpos das mulheres brasileiras, segundo a autora, tiveram destaque (invariavelmente nus, sensuais, vinculados à imigração ilegal e à prostituição), o que reforçaria representações estereotipadas de gênero e sexualidade.

Já em “Escritos sobre corpo, cinema e Educação”, Eurídice Mota Sobral de Carvalho e eu analisamos representações culturais de mulheres gordas em três comédias hollywoodianas (*O Amor é Cego*, 2001; *Garotas Formosas*, 2006; *Norbit*, 2007). Verificamos a emergência de múltiplas representações operando em tais filmes: a construção da gorda como “aberração monstruosa”, bem como a recorrente ideia de que à gorda faltaria tudo: autocontrole, princípios morais, responsabilidade social, beleza, “vergonha na cara”...

Sobre a produção de determinados tipos de corpos masculinos em múltiplas instâncias culturais, Raquel Pereira Quadrado e Paula Regina Costa Ribeiro analisam, no artigo “Remodelagem corporal: notas sobre cirurgia plástica estética e corpos masculinos”, os fóruns de comunidades que discutem cirurgia plástica estética em uma rede social. De acordo com as autoras, as práticas cirúrgicas “incitam à visibilidade da vida de cada sujeito, de modo que o corpo torna-se a superfície de inscrição dos marcadores sociais e passa a ser central na experiência de si”. As cirurgias estéticas permitem a reinvenção (contínua, perpétua) do corpo, “uma vez que possibilitam operar sobre um corpo plástico e maleável a fim de que este exteriorize e expresse o que o sujeito deseja parecer e ser”.

Viviane Castro Camozzato, no artigo intitulado “Submetimentos contemporâneos em práticas de cuidado e controle corporal”, discute (a partir das teorizações de Foucault, Ortega e Bauman) o Orkut e o modo como os

Textura	Canoas	n.26	p.1-2	jul./dez. 2012
---------	--------	------	-------	----------------

sujeitos, ao se relacionarem em rede (participarem de fóruns, escolherem determinadas fotos para compor um perfil, etc.), vão se modificando para alcançar determinados objetivos referentes à busca de emagrecimento e perfeição corporal. Nesse sentido, segundo a autora, “o que vemos é a produção de um sujeito auto controlável e, portanto, auto governável”.

Já Luís Henrique Sacchi dos Santos ocupa-se do chamado “dispositivo de diferenciação masculino/feminino” e dos modos como as diferenças de gênero e sexuais são instituídas e construídas em/por uma série de instâncias culturais. O autor demonstra, por meio de uma peça publicitária, como tal dispositivo funciona de modo a instituir, determinar e reduzir os corpos de homens e mulheres a determinadas verdades das tecnobiociências. E, no instigante texto “A injúria e a heteronormalização dos corpos na cidade de Amargosa/BA”, as autoras Ana Cristina Nascimento Givigi e Priscila Gomes Dornelles analisam entrevistas e depoimentos acerca do corpo que sofre com a homofobia e a injúria em uma pequena cidade no interior da Bahia – o “corpo injuriado” que “toma para si a sua própria experiência como negativa e normatiza-se pelo traçado da negatividade e binarismo, ressentindo-se de si mesmo, voltando-se às impossibilidades da vida mais do que a seus processos de vitalização”. As autoras entendem a injúria como uma estratégia heteronormativa – como parte de um processo mais amplo que naturaliza a heterossexualidade e produz violência e homofobia.

A produção dos corpos infantis é abordada por Ileana Wenez no artigo intitulado “Meninos e bonecas: eles também brincam?”. A autora analisa, a partir dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero, as falas de crianças matriculadas no Ensino Fundamental de uma escola pública gaúcha, com o objetivo de examinar quais discursos relacionados ao gênero, à sexualidade, ao brinquedo e à brincadeira com bonecas são acionados pelas crianças, produzindo efeitos (ou não) nos corpos e nas subjetividades infantis. Por fim, o artigo “A norma dos corpos holográficos” de Janaína Moraes e Karla Saraiva, baseando-se em pressupostos foucaultiano, busca problematizar o significativo investimento feito pelos sujeitos contemporâneos para remodelar seus corpos e torná-los perfeitos.

Boas leituras!

Daniela Ripoll